

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Joseph Swensen direcção musical
Roman Rabinovich piano

1 Jun 2019 · 18:00 Sala Suggia

CONCERTO DEDICADO À APRE! - ASSOCIAÇÃO
DE APOSENTADOS, PENSIONISTAS E REFORMADOS



casa da música

MEENAS CICLO MDS

MDS Global Insurance
& Risk Consultants



Joseph Swensen sobre
o programa do concerto.

<https://vimeo.com/339139572>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Carlos Chávez

Sinfonia n.º 2, *Sinfonia Índia*, para grande orquestra (1936; c.12min)

Alberto Ginastera

Variaciones Concertantes, para orquestra de câmara (1953; c.22min)

1. Tema para violoncelo e harpa –
2. Interlúdio para cordas –
3. Variação jocosa para flauta –
4. Variação em modo de Scherzo para clarinete
5. Variação dramática para viola
6. Variação canónica para oboé e fagote
7. Variação rítmica para trompete e trombone
8. Variação em modo de moto perpetuo para violino
9. Variação pastoral para trompa
10. Interlúdio para sopros
11. Reprise do tema para contrabaixo
12. Variação final em modo de rondó para orquestra

2ª PARTE

Leonard Bernstein

Sinfonia n.º 2, *The Age of Anxiety*, para piano e orquestra (1949, rev.1965; c.30min)

Parte I

- a) The Prologue –
- b) The Seven Ages (Variações I a VII) –
- c) The Seven Stages (Variações VIII a XIV)

Parte II

- a) The Dirge –
- b) The Masque –
- c) The Epilogue

Modernismos americanos: Chávez, Ginastera e Bernstein

O programa deste concerto inclui obras para orquestra de compositores americanos escritas entre 1935 e 1965. Nesses trinta anos, deu-se uma grande transformação no panorama musical. Da recuperação modernista do património do passado ao serialismo integral e à música electroacústica, diversas tendências coexistiram no período da sua escrita. Essa heterogeneidade encontra-se reflectida na produção de três compositores de três Américas distintas: Chávez é mexicano, Ginastera é argentino e Bernstein é dos Estados Unidos da América.

A primeira peça deste concerto é a *Sinfonia n.º 2*, de **Carlos Chávez** (Popotla, 1899 – Cidade do México, 1978). Chávez foi um importante compositor e dinamizador cultural mexicano, tendo contribuído para a afirmação desse país no estrangeiro. A sua música remete para o modernismo primitivista, quando os povos ditos primitivos serviram de inspiração aos artistas. Chávez iniciou a composição da *Sinfonia n.º 2* numa viagem aos Estados Unidos da América em 1935. Terminada no ano seguinte, a obra ficou conhecida por *Sinfonia Índia* pois recorre a elementos musicais de culturas ameríndias. A sua estreia esteve a cargo da Columbia Broadcasting Orchestra, que a interpretou num programa de rádio a 23 de Janeiro de 1936. Tal como na sua estreia em concerto, a 10 de Abril desse ano, a direcção foi do próprio Chávez. A peça enquadra-se no renascimento artístico do México no período Entre Guerras, inspirado na arte tradicional como forma de criar uma imagética própria que se contrapôs aos modelos europeus e norte-americanos. Esse movimento foi representado nas artes plásticas por Diego Rivera, Frida Khalo e José

Orozco, e na música por Carlos Chávez e Silvestre Revueltas.

Na *sinfonia*, Chávez condensou a estrutura em três andamentos no esquema rápido-lento-rápido num único andamento, fundindo o bitematismo da forma sonata com uma forma tripartida em que um terceiro tema é introduzido na secção intermédia. A abordagem modernista do compositor remete para a estilização da música dos povos da América como forma de circundar a herança sinfónica europeia. Assim, inclui três melodias ameríndias: uma melodia dos Seris, do estado de Sonora (no Noroeste do México), uma melodia dos Huichóis, de Nayarit (no centro-oeste do México) e uma melodia dos Yaqui, também de Sonora. Ao seleccionar materiais sonoros modais e diatónicos, Chávez garante alguma homogeneidade estilística. Paralelamente, integrou muitos instrumentos ameríndios na secção de percussão da orquestra. Posteriormente, essa instrumentação foi adaptada a dispositivos mais convencionais.

A *Sinfonia Índia* é permeada pela percussividade, uma das formas de representar o primitivismo ameríndio, pelas melodias angulares inspiradas na música tradicional mexicana e pelo recurso ao colorido orquestral como elemento narrativo. A atmosfera é criada por um *ostinato* inicial, ao qual se sobrepõe a primeira melodia principal, apresentada pelo trompete. A ideia de movimento perpétuo é acentuada na escrita para cordas, pontuada pela percussão e por alguns instrumentos de sopro. A assimetria rítmica e os jogos de pergunta-resposta entre os instrumentos introduzem uma secção contemplativa e contrapontística que remete para o idílio campestre. Aqui, é notória a ligação entre a música de Chávez e a do seu colega e amigo norte-americano Aaron Copland. Assim,

ecos de um pan-americanismo atravessam a sinfonia. Os acordes em quartas que apoiam a melodia *cantabile* de sabor modal intensificam o contexto dissonante, que sugere uma marcha longínqua. Essa marcha prepara o regresso à atmosfera inicial, intensificando a narrativa com toda a vivacidade rítmica e a exuberância tímbrica da orquestra. Posteriormente, a melodia da secção lenta é retomada e a sinfonia conclui com o regresso do material percussivo do início, um *ostinato* de grande intensidade cuja repetição cria o clímax final.

Rumo a Sul, encontramos o modernismo de **Alberto Ginastera** (Buenos Aires, 1916 – Genebra, 1983). Numa primeira fase, o compositor inspirou-se directamente na música popular e tradicional argentina, abraçando uma perspectiva folclorista. As pampas e os gaúchos informaram o período inicial da sua obra, sobretudo os bailados, peças orquestrais que potenciaram manifestações modernistas nas diversas artes. As *Variaciones Concertantes* capturam Ginastera no final do primeiro período criativo, quando o compositor começou a tratar os elementos musicais tradicionais de uma forma mais distante e abstracta, antecedendo a sua aproximação ao serialismo. Escritas para orquestra de câmara em 1953, foram estreadas a 2 de Junho desse ano pela Orquestra da Asociación Amigos de la Música, dirigida por Igor Markevitch. Nessa altura, Ginastera atravessava uma fase pessoal e profissional complicada com a ascensão do populista conservador Juan Perón ao poder, em 1946. A oposição ao regime traduziu-se na sua expulsão do cargo de professor no Conservatório de La Plata, lugar que retomou em 1956, após a deposição de Perón.

As *Variaciones Concertantes* encontram-se numa forma tema e variações em que

diversos instrumentistas se destacam. Assim, evocam a tradição da música concertante do passado, misturando-a com traços estilísticos próprios. O estilo rapsódico, os ritmos irregulares, os contrastes assimétricos e o recurso a um acorde particular baseado na afinação natural da guitarra são elementos recorrentes na peça, remetendo para a apropriação do património musical argentino durante a primeira fase criativa de Ginastera.

A obra começa com a harpa tocando o acorde acima referido, um elemento usado em diversas obras do compositor e que aqui desempenha uma função estrutural. O recurso à harpa evoca o instrumento europeu que foi transformado pelos americanos, incorporando-o nas suas práticas musicais. A nota principal do acorde é o mi, em torno da qual se desenvolvem outras áreas sonoras. Sobre esse fundo, o violoncelo expõe uma melodia de carácter lírico. Segue-se um interlúdio em que as cordas executam acordes paralelos de sabor modal, remetendo para ideias de estatismo e de circularidade. A atmosfera é transformada pela variação que atribui destaque à flauta, um andamento leve e movimentado, em que as melodias angulares se repartem entre solista e *ensemble*. Esse ambiente prossegue na variação seguinte, que atribui protagonismo ao clarinete. Em forma ABA, a secção intermédia é mais lírica, contrastando com a animação das partes extremas. Segue-se um longo recitativo em que a viola da arco transmite uma atmosfera contemplativa. As resoluções são diferidas, contribuindo para criar tensão na variação, a qual é dissipada no final. O contraponto estrito faz a sua entrada numa secção dedicada às palhetas duplas – o oboé e o fagote – que entrelaçam as suas melodias em cânone sobre uma pulsação regular. As fanfarras pontificam na variação seguinte, que dá primazia aos sopros.

Esses instrumentos participam em jogos de pergunta-resposta com as cordas sob acompanhamento da percussão. Segue-se uma secção em textura de dança viva e rústica, protagonizada pelo violino. A trompa conduz uma melodia lírica e *cantabile*, antecipando um interlúdio protagonizado pelos sopros, em que uma melodia é repetida em vários timbres e registos pelos músicos. A atmosfera inicial é retomada numa variação onde a harpa retoma o seu papel na obra, acompanhando um longo solo de contrabaixo com a melodia original, levando as *Variaciones Concertantes* ao final: um rondó percussivo e cinético com a participação de toda a orquestra.

Tal como Ginastera, **Leonard Bernstein** (Lawrence, 1918 – Nova Iorque, 1990) desenvolveu uma linguagem própria que se afirmou no panorama musical americano do pós-Segunda Guerra Mundial. A Sinfonia n.º 2, *The Age of Anxiety*, resultou de uma encomenda da Koussevitzky Foundation e a sua primeira versão foi concluída em 1949. Nessa época, Bernstein desenvolvia uma actividade multifacetada de pianista, maestro, compositor e divulgador musical. A sobreposição de papéis no percurso de Bernstein encontra-se reflectida numa peça que se encontra numa forma híbrida entre o concerto para piano e a sinfonia. Em 1947, o poeta W. H. Auden escreveu o seu último longo poema dramático, que recebeu o Prémio Pulitzer no ano seguinte. *The Age of Anxiety*, poema que deu o nome à sinfonia, narra a história de três homens e de uma mulher que se encontram num bar em Nova Iorque durante a Segunda Guerra Mundial. Em forma de écloga, consiste em variações sobre diversos assuntos, com especial destaque para a busca da essência do Homem no mundo industrializado. Remetendo para a tradição

anglófona, o poema recorre à aliteração como figura de estilo, aspecto ao qual Bernstein não ficou indiferente.

A primeira versão da Sinfonia n.º 2 foi estreada em Boston a 8 de Abril de 1949, num concerto da Orquestra Sinfónica de Boston com Bernstein ao piano e dirigido por Serge Koussevitzky. A obra foi posteriormente revista, tendo chegado à versão que faz parte deste concerto em 1965. Atribuindo um papel mais destacado ao piano, sobretudo no andamento final, a nova versão da Sinfonia n.º 2 foi estreada em Nova Iorque a 15 de Julho desse ano. Nessa ocasião, Bernstein dirigiu o pianista Philippe Entremont e a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque.

A sinfonia segue a estrutura do poema, tendo início com um prólogo em que são apresentadas as personagens. As melodias sinuosas de dois clarinetes são seguidas de solos de flauta e de oboé sobre *tremolos* nas cordas. Assim se retrata o encontro das quatro pessoas no bar nova-iorquino. Segue-se uma secção intitulada *The Seven Ages*, inspirada na peça de Shakespeare *As You Like It*. Nessa obra, Shakespeare divide a vida humana em sete idades: a criança, o aluno choramingão, o apaixonado, o soldado, a justiça, o pobre bobo e a segunda infância. Aqui, as quatro personagens apresentam perspectivas contrastantes sobre essa divisão. De forma a traduzir a forma do poema em música, Bernstein decidiu abordá-lo sob a forma de variações. Contudo, estas não se desenrolam na forma tradicional, sendo que cada uma das mesmas desenvolve um elemento da anterior. Assim, dá-se a transformação cumulativa dos materiais, intensificada por novos elementos adicionados pelo compositor, evocando a ideia de aliteração. A primeira variação atribui primazia ao piano, que apresenta uma melodia angular,

alternando tensão com repouso sobre uma textura homorrítmica. A harpa e os *tremolos* das cordas preparam uma variação mais intensa, em que as figuras se repetem entre o piano e a orquestra. Segue-se uma marcha solene em que se destaca um solo de violino. A variação seguinte inspira-se nos ritmos do *jazz*, enfatizando o contraponto entre solista e orquestra. Essa agitação mantém-se na variação seguinte, baseada em *ostinati* percussivos. Um solo de flauta prepara a sexta variação, um solo de piano que recorre ao silêncio como elemento narrativo. A variação final traz de volta o ambiente rarefeito do prólogo.

Segue-se *The Seven Stages*, variações que correspondem à fusão dos espíritos das quatro personagens do poema. Começa com uma marcha pesada introduzida pelos violinos e com apontamentos do solista. Uma variação animada em que se destaca o virtuosismo antecipa uma secção de ritmo marcado em que o timbre dos instrumentos de percussão ocupa um lugar central. A melodia entrecortada e angular do piano e da orquestra antecipa uma miniatura breve protagonizada pelo solista. A entrada dos instrumentos de sopro de bocal contribui para o crescendo de intensidade que leva à última variação, na qual se destaca a interacção cinética entre o piano e a orquestra, em progressão até ao clímax.

A parte seguinte, *The Dirge*, representa a viagem de táxi das personagens até à casa da mulher. Apresenta uma melodia angular e fragmentada sem características temáticas e a sua sonoridade reflecte o emprego de técnicas do serialismo dodecafónico. A tensão pontifica na secção inicial de grande intensidade expressiva, que é interpolada pela entrada do piano. O ambiente do início é retomado, preparando uma curta transição do solista para a parte seguinte, *The Masque*.

The Masque evoca o universo do *jazz* e da música popular americana do século XX, em especial os musicais, nos quais Bernstein se viria a notabilizar. A sincopação e o recurso a dissonâncias como forma de ênfase remetem para o universo de George Gershwin, numa abordagem que mistura a música popular americana com elementos do pós-Segunda Guerra Mundial. A tensão atinge o seu auge numa secção caótica e percussiva que introduz o final.

O Epílogo, na sua versão profundamente transformada após a revisão, é agitado e virtuosístico. Retoma material semelhante ao do prólogo, desta vez apresentado pelas cordas após um momento solista do trompete. O estatismo contemplativo marca o regresso à calma, em que um longo *diminuendo* de carácter lírico transporta a sinfonia ao seu fim. A fé e a aceitação marcam o final da obra, que retrata a densidade psicológica do ser humano numa época de incerteza e de dúvida.

JOÃO SILVA, 2019

Joseph Swensen direção musical

Joseph Swensen é Director Artístico da NFM Leopoldinum Orchestra (Wrocław), Maestro Emérito da Orquestra de Câmara Escocesa e Maestro Convidado Principal da Orquestra Ciudad de Granada. Foi Maestro Convidado Principal e Consultor Artístico da Orquestra de Câmara de Paris (2009-2012), e Maestro Principal da Orquestra de Câmara da Escócia (1996-2005) e da Ópera de Malmö (2005-2011). Divide o seu tempo entre a direcção de orquestra e o violino. Ensina direcção, violino e música de câmara no Conservatório Real da Escócia.

Conhecido por estabelecer relações sólidas com orquestras, nesta temporada Swensen colabora com as formações que lhe são mais próximas: a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Sinfónica Nacional da Estónia e a Kitchener Waterloo Symphony. Em 2018 regressou à Orquestra Nacional de Gales/BBC e estreou-se à frente da Sinfónica de Navarra.

Durante os nove anos em que trabalhou com a Orquestra de Câmara Escocesa, realizou com esta várias digressões aos EUA, ao Reino Unido, à Europa e ao Extremo Oriente, tendo actuado no Mostly Mozart Festival em Nova Iorque, nos Festivais de Tanglewood e Ravinia, nos BBC Proms, no Barbican e no Concertgebouw de Amesterdão. Com a Orquestra de Câmara de Paris, participou no Festival da Radio France em Montpellier e no festival La Folle Journée de Nantes e Tóquio. Dirigiu aclamadas produções de óperas menos encenadas enquanto Maestro Titular da Ópera de Malmö, na Suécia, entre as quais *Macbeth*, *Vanessa*, *Diálogos de Carmelitas* e *La Fanciulla del West*, e ainda *Salomé*, *La Bohème*, *La Traviata* e *Madame Butterfly*, entre outras.

Antes de se iniciar como maestro em meados dos anos 90, Swensen desenvolveu uma bem-sucedida carreira de violinista, tocando como solista junto das orquestras e dos maestros mais prestigiados do mundo. Como artista exclusivo BMG Classics, gravou os Concertos para violino de Beethoven (com André Prévin e a Royal Philharmonic) e de Sibelius (com Jukka Pekka Saraste e a Sinfónica da Rádio Finlandesa).

O seu grande interesse pela arte de tocar e dirigir em simultâneo leva-o a estender o repertório para lá do período Clássico, interpretando concertos para violino de compositores como Brahms, Barber e Prokofieff. Com a Orquestra de Câmara Escocesa, gravou uma série de Concertos para violino de Brahms, Mendelssohn e Prokofieff (2º), para a Linn Records. Com a Orquestra de Câmara de Paris, criou a primeira Paris Play-Direct Academy (2011).

Como compositor, destacam-se as suas obras *Mantram* (1998) para orquestra de cordas, *Latif* (1999) para violoncelo e ensemble de câmara, *Shizue* (2001) para shakuhachi e orquestra e a Sinfonia Concertante para trompa e orquestra (*The Fire and the Rose*, 2008). A sua *Sinfonia em Si* (2007), orquestração da versão de 1854 do Trio op. 8 de Brahms, foi editada pela Signum Records.

Joseph e Victoria Swensen promovem workshops e residências de música de câmara, direcção e instrumento na sua quinta em Vermont (SwensenMusicHouse.com). Americano com ascendência norueguesa e japonesa, Joseph Swensen nasceu em Hoboken, Nova Jérquia, e cresceu em Harlem, Nova Iorque.

Roman Rabinovich piano

O eloquente pianista Roman Rabinovich tem sido largamente elogiado por publicações como *The New York Times*, *BBC Music Magazine*, *San Francisco Classical Voice* e outras. Apresenta-se por toda a Europa e nos Estados Unidos da América em salas como o Wigmore Hall em Londres, o Carnegie Hall e o Lincoln Centre em Nova Iorque, a Sala Principal do Conservatório de Moscovo, a Cité de la Musique em Paris e o Millennium Stage do Kennedy Center em Washington DC. Participou nos festivais de Lucerna, Marlboro, Davos, Primavera de Praga, Ruhr e Mecklenburg-Vorpommern. Como músico de câmara, é convidado regular do ChamberFest Cleveland.

Rabinovich é aclamado pelas suas explorações da música para piano de Haydn. No Festival de Bath 2018, apresentou um ciclo de 10 recitais com 42 sonatas, elogiado pelo *Sunday Times*. Previamente, enquanto Artista em Residência no Festival de Lammermuir 2016, na Escócia, tocou 25 sonatas de Haydn em 5 dias; e ao longo de duas temporadas, em 2016 e 2017, tocou a integral das sonatas deste compositor em Telavive. Na temporada de 2018/19, inicia um projecto de gravação desta integral para a First Hand Records, com o primeiro volume já editado em Outubro de 2018.

Na temporada de 2017/18, Roman Rabinovich estreou-se em concerto com a Royal Scottish National Orchestra e Sir Roger Norrington, conquistando a aclamação da crítica, e com a NFM Leopoldinum e a Filarmónica de Estetino (Polónia), e ainda a Orquestra de Sarasota com Anu Tali e a Symphonia Boca Raton com James Judd (EUA). Regressou por duas ocasiões ao Wigmore Hall, para um recital a solo e outro com a violinista Liza Ferschtman,

e estreou-se também em recital no Washington Performing Arts e no Janáček May International Music Festival. Na temporada de 2017/18 trabalhou em música de câmara com Liza Ferschtman, Tessa Lark e o Ying Quartet.

Em 2018/19, Ramon Rabinovich toca em concerto com as Sinfónicas de Israel, Des Moines e do Porto Casa da Música. Em recital, regressa ao Wigmore Hall, ao Festival da Academia Liszt, à Houston Society for Performing Arts e ao Ciclo de Piano Philip Lorenz em Fresno, e toca música de câmara com Liza Ferschtman no Concertgebouw de Amesterdão, na Festspielhaus de Baden-Baden e na Beethoven-Haus de Bona, entre outras salas.

Roman Rabinovich estreou-se com a Filarmónica de Israel sob a direcção de Zubin Mehta aos 10 anos de idade. Ganhou o prémio máximo no 12º Concurso Internacional de Piano Arthur Rubinstein em 2008, e em 2015 foi um dos três pianistas seleccionados por Sir Andrés Schiff para o novo ciclo inaugural “Building Bridges”, criado para destacar jovens pianistas invulgarmente promissores.

Natural de Tashkent (Uzbequistão), Rabinovich emigrou para Israel com a sua família em 1994, iniciando então os estudos com Irena Vishnevitsky e Arie Vardi; diplomou-se depois pelo Curtis Institute of Music como aluno de Seymour Lipkin, finalizando o Mestrado na Juilliard School onde estudou com Robert McDonald.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

Stefan Blunier maestro associado

Christian Zacharias maestro convidado
principal designado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair, Frank Peter Zimmermann ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Sir Harrison Birtwistle e Georg Friedrich Haas, a que se junta em 2019 o compositor Jörg Widmann.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de discos dedicados a obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2019, a Orquestra apresenta obras-chave do Novo Mundo – entre as quais *Amériques* de Edgard Varèse e a *Quarta Sinfonia* de Charles Ives –, a Integral das Sinfonias de Tchaikovski, as sonoridades revolucionárias de Ligeti e novas obras de Jörg Widmann, Pedro Amaral e Clotilde Rosa.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006

Violino I

Zofia Wóycicka
 Emanuel Salvador*
 Radu Ungureanu
 Maria Kagan
 Evandra Gonçalves
 Ianina Khmelik
 Vadim Feldblioum
 Vladimir Grinman
 Andras Burai
 Roumiana Badeva
 José Despujols
 Alan Guimarães
 Raquel Santos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
 Nancy Frederick
 Mariana Costa
 Lilit Davtyan
 Francisco Pereira de Sousa
 Pedro Rocha
 José Paulo Jesus
 Domingos Lopes
 Paul Almond
 Nikola Vasiljev
 José Sentieiro
 Flávia Marques*

Viola

Mateusz Stasto
 Anna Gonera
 Jean Loup Lecomte
 Emília Alves
 Luís Norberto Silva
 Theo Ellegiers
 Hazel Veitch
 Francisco Moreira
 Rute Azevedo
 Biliana Chamlieva

Violoncelo

Vicente Chuaqui
 Feodor Kolpachnikov
 Sharon Kinder
 Bruno Cardoso
 Gisela Neves
 Michal Kiska
 Aaron Choi
 Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Rui Rodrigues
 Florian Pertzborn
 Joel Azevedo
 Nadia Choi
 Altino Carvalho
 Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
 Ana Maria Ribeiro
 Alexander Auer
 Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
 Eldevina Materula
 Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
 Carlos Alves
 João Moreira
 Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
 Robert Glassburner
 Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
 José Bernardo Silva
 Eddy Tauber
 Bohdan Sebestik

Trompeta

Sérgio Pacheco
 Ivan Crespo
 Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
 Dawid Seidenberg
 Gonçalo Dias*

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
 Nuno Simões
 Paulo Oliveira
 André Dias*
 Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
 Ana Aroso*

Piano/Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

